



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

PESCA NO LAZER: UM OLHAR PARA A CIDADE DO RIO GRANDE

Alexsandro Oliveira

RESUMO

A pesca é uma prática presente na cultura Riograndina. É possível visualizar nesta cidade a pesca profissional (tanto industrial quanto artesanal) e amadora (esportiva e também a pesca enquanto lazer). Assim com a presente pesquisa pretendo entender como algumas pessoas se apropriam de dois espaços públicos da cidade do Rio Grande-RS (Molhes da Barra e Rincão da Cebola) em seus momentos de lazer para a prática da pesca. Para isso me embasei nos princípios metodológicos qualitativos utilizando, principalmente, princípios etnográficos de pesquisa e instrumentos correlatos. Da análise dos dados até então coletados foi possível constatar que o pescado tem caráter diferenciado na vida dos pescadores, se comparado com aqueles que pescam enquanto profissão, e que o contato com o meio ambiente, a atividade em família ou entre amigos visando o relaxamento são os principais aspectos para reunirem-se à beira do mar ou da lagoa. Também ficou claro que essas pessoas realizam a atividade de pesca com conversas sobre os mais variados assuntos, sempre acompanhados de petiscos e bebidas. Assim, posso afirmar que o lazer desses pescadores extrapolam o envolvimento com a atividade em si, para momentos de sociabilidade.

Palavras chave: Pesca; Lazer; Sociabilidade

Fishing in leisure: a look at the city of Rio Grande

ABSTRACT

Fishing is a present practice in the Riograndina cultural. It is possible to view in this city the professional fishing (both industrial and artisanal) and amateur (sport and recreational fishing as well as some people). With this research I aim to understand how some people get appropriated of two public spaces in the city of Rio Grande-RS (Piers – Molhes da Barra and Rincão da Cebola) in their leisure time for fishing. To this, I am based using the principles of the methodological quality, especially principles of ethnographic research and related instruments. Analyzing the data collected so far, we determined that the fish has distinctive character in the lives of fishermen, compared to those who fish as a profession, and that contact with the environment, the activity with family or friends seeking relaxation are the main aspects to congregate on the sea or lagoon. It also became clear that these people perform the activity of fishing with talks on various topics, always accompanied by refreshments. So I can say that these fishermen go beyond leisure involvement with the activity itself, for moments of sociability.

keywords: Fishing; Leisure; Sociability



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Pescar en el ocio: un mirar para la ciudad de Río Grande

RESUMEN

La pesca es una práctica presente en la cultura Riograndina. Es posible visualizar en esta ciudad la pesca profesional (tanto industrial como artesanal) y amadora (deportiva y también la pesca como ocio de algunas personas). Así con la presente investigación pretendo entender como algunas personas se apropian de dos espacios públicos de la ciudad de Río Grande-RS (Molhes de la Barra y Rincón de la Cebolla) en sus momentos de ocio para la práctica de la pesca. Para eso me basé en los principios metodológicos cualitativos utilizando, principalmente, principios etnográficos de investigación e instrumentos correlatos. Del análisis de los datos hasta ahora colectados fue posible constatar que el pescado tiene carácter diferenciado en la vida de los pescadores, comparándose con aquellos que pescan como profesión, y que el contacto con el medio ambiente, la actividad en familia o entre amigos visando el relajamiento son los principales aspectos para reunirse al margen del mar o de la laguna. También quedo claro que esas personas realizan la actividad de pescar con conversaciones sobre los más variados asuntos, siempre acompañados de picadas y bebidas. Así, puedo afirmar que el ocio de esos pescadores extrapola la articulación con la actividad en si, para momentos de sociabilidad.

Palabras- claves: Pescar; ócio; Sociabilidad.

PREPARANDO OS EQUIPAMENTOS PARA PESCARIA

A pesca é uma atividade humana que está presente em várias esferas da vida de algumas pessoas. Uns pescam por profissão e dentre estes há os profissionais da pesca em alto mar e os chamados pescadores artesanais que trabalham em regime de economia familiar, há ainda os pescadores esportistas e finalmente aqueles que a praticam apenas por lazer. Dentre essas várias formas de vivenciar a pesca nos despertou o interesse a esfera do lazer para principiar os estudos da área.

Mas porquê a pesca? Inicialmente o que me despertou este interesse enquanto objeto de pesquisa foram dois fatores: a minha ligação familiar com a pesca por lazer e as características da cidade do Rio Grande/RS que é rodeada por águas e possui forte ligação com a atividade pesqueira.

Enquanto atividade de lazer em família desde minha infância, vivenciada em Jaguarão/RS, sempre acompanhei meus tios, irmãos e meu saudoso pai em sua principal atividade de lazer, a pesca. Também presenciava os preparativos que antecediam a ida para beira d'água. Juntar os equipamentos, pensar na alimentação coletiva, comprar os alimentos, obter a isca, tudo parecia envolto de um ritual que se repetia a cada final de semana em que passávamos à beira do rio. Quanto ao fator local desde que passei a residir na cidade do Rio Grande, no final de 1989, a pesca se apresentou com um formato diferente daquele até então vivido por mim com meus familiares. Além do fato de que a pesca em família era em rios de água doce, geralmente no Uruguai, opondo-se a pesca de mar e lagoa que predominam em Rio Grande, também notei que a pesca nesta cidade é

urbana e em alguns casos são utilizados equipamentos diferentes daqueles empregados nas pescarias com minha família.

Além de tais constatações passei a questionar o que leva os pescadores do Rio Grande a passar horas debaixo de sol ou até mesmo no frio e na chuva pescando; como eles se relacionam entre si; o que conversam; como pescam; quais são seus rituais; quem são estes pescadores que abdicam do conforto de suas casas para enfrentar o clima e muitas vezes voltarem sem um peixe sequer para seus lares. E, finalmente, ao começar a me interessar pelo tema verifiquei que não existem trabalhos na área de educação física que enfoquem esta prática cultural tão difundida. Há uma enorme produção acadêmica preocupada com outros aspectos da pesca, principalmente no econômico e ambiental¹, mas nas áreas do lazer e do esporte não logramos êxito em localizar trabalhos com esta temática, mesmo sendo um vasto campo de possibilidades. Mas ainda precisava delimitar o objeto de pesquisa e optei neste momento pelo estudo do lazer.

Assim pretendo com esta pesquisa entender como algumas pessoas se apropriam da pesca em seus momentos de lazer em dois espaços públicos da cidade do Rio Grande. Mas porque dois espaços? Porque a partir das observações preliminares notei que na cidade as pessoas se apropriam de formas diferentes de dois espaços (forma de pescar, conhecimentos técnicos sobre a pesca, entre outras diferenças), então pretendo entender o que as diferem, além do que foi observado de maneira superficial. Pretendo ainda entender quem são os pescadores de ambos os locais, como eles pescam em cada um deles, se utilizam as mesmas técnicas e os mesmos equipamentos, quais são as relações sociais existentes entre eles, o que conversam e principalmente tentar compreender os aspectos que os levam para beira do mar ou da lagoa.

Os locais escolhidos para a pesquisa foram os Molhes da Barra e o Rincão da Cebola. O primeiro foi escolhido em virtude de sua notabilidade, pois é um dos locais que identificam a cidade do Rio Grande internacionalmente e atraem turistas e pescadores de diversas origens. Já o Rincão da Cebola foi escolhido por sua característica local, mais frequentado por pessoas que residem nesta cidade.

Para realização da presente pesquisa, que possui caráter qualitativo, utilizo princípios etnográficos com especial ênfase nos seguintes instrumentos: entrevistas semiestruturadas, observação participante, diários de campo, conversas, registros fotográficos, de imagem e de som.

O QUE É O LAZER? UM OLHAR A PARTIR DE ALGUNS TEÓRICOS

“Sem trabalho eu não sou nada, não tenho dignidade, não sinto meu valor, não tenho identidade[...]”

(Renato Russo, 1996, Letra da música “Música de Trabalho”)

1. Ver: Basaglia & Vieira: **Pesca recreativa na praia do Cassino, RS**. <ww6.univali.br/seer/index.php/bjast/article/download/571/483> Acessado em 10/10/2011. CARDOSO, Eduardo Schiavone. **Trabalho e pesca: apontamentos para a investigação**. http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA102/05_educardo1002.pdf> Acessado em 26/10/2011.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Ao pesquisar um determinado objeto ou tema é necessário que se tenha em mente os principais conceitos envolvidos na pesquisa. No entanto na sociedade dinâmica e fluída em que vivemos (BAUMANN, 2001) conceituar ou definir um determinado tema ou objeto de pesquisa é uma tarefa árdua, senão impossível, uma vez que diferentes culturas em diversos tempos dão múltiplos significados a um evento ou objeto semelhante e ainda, refletem a visão de mundo de quem pesquisa.

Assim, o presente trabalho busca compreender a esfera do lazer da vida de algumas pessoas. Então deve-se trazer a lume, a partir da visão de alguns pensadores que irão constituir a base teórica da presente pesquisa, uma noção do que é esfera social.

Conforme a epígrafe o trabalho é a lógica vigente na sociedade em que vivemos. O lazer, a partir de um olhar superficial, apresenta-se muitas vezes como um espaço secundário na vida das pessoas mesmo sendo um Direito constitucionalmente garantido (art. 6º da Constituição Federal, 1988), e tratado em nível normativo no mesmo patamar do trabalho, da saúde e da educação. Essa compreensão do lazer como um aspecto secundário na vida das pessoas também é colocado pelos próprios estudiosos dessa temática: “as coisas boas e válidas na vida de uma pessoa, que parecem ser sua própria essência, é o trabalho que um indivíduo realiza” (ELIAS e DUNNING, 1992, p.141). Dumazedier (1973) também afirma essa ideia de lazer como uma atividade de menor importância na vida das pessoas, segundo suas palavras “constitui uma realidade banal” (p. 19) e em sua obra denunciava a ausência de preocupação dos teóricos e estudiosos com as questões ligadas ao tema. Esse caráter secundário, segundo Melo (2010), reflete a mudança nos tempos sociais, que está associada, principalmente, ao capitalismo: “conforme o novo modelo de produção foi se consolidando [o capitalismo], observa-se uma maior diferenciação dos tempos sociais” (MELO, 2010, p.33), contrapondo-se a forma de sociedade anterior em que os tempos eram mais flexíveis. A partir de então demarcam-se os tempos de trabalho e de não trabalho.

Mas, mesmo que o trabalho há muito tempo tenha um tratamento privilegiado na vida das pessoas, as modificações ocorridas no seio de suas relações influenciam o tempo livre e consequentemente o lazer. Dumazedier (1973) afirma que o tempo livre ao longo dos anos passou por um importante incremento oriundo da normatização da jornada de trabalho, que foi reduzida de setenta e cinco para quarenta e cinco horas semanais², fato que refletiu nos demais tempos sociais aumentando inclusive os tempos de lazer.

O desenvolvimento da ciência e de novas tecnologias juntamente com o surgimento da indústria, contrapondo ao sistema econômico anterior ao capitalismo trouxe ao trabalho racionalização da produção e melhor organização dos tempos sociais. Disso decorre uma melhor organização também do tempo livre, mas não com o simples propósito de proporcionar um lazer melhor, mas para controlar esse tempo e principalmente o trabalhador. O lazer passa a sofrer a ação

² Hoje no Brasil a jornada ordinária máxima permitida é de quarenta e quatro horas semanais admitindo-se a prorrogação em jornada extraordinária em até duas horas a mais por dia. Há categorias profissionais, como os Bancários, que tem jornada de trinta horas semanais. Há países europeus que já adotam a jornada de trinta horas semanais ordinariamente.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

moralizadora da sociedade e do capital porque os trabalhadores utilizavam este espaço para discutir seus problemas e mobilizavam-se para reivindicar melhorias, fato visto com maus olhos pelos detentores dos meios de produção e pela sociedade, pois os tempos e espaços de lazer tornavam-se um ambiente para proliferação de comportamentos que desviavam dos esperados pela sociedade. É nesse contexto que surge a ideia de lazer que temos hoje (MELO, 2010).

Mas o lazer é uma necessidade humana que na visão de Elias e Dunning (1992) é o que nos permite suportar as tensões que a sociedade normatizada por padrões morais, sociais e legais nos impõe, é uma espécie de “válvula de escape que facilitam a incorporação das normas sociais integrantes do processo civilizador” (ALMEIDA, 2005, p. 1).

É nos momentos de lazer que as pessoas realizam atividades que lhes proporcionam prazer sem que estejam sob o jugo de obrigações de qualquer natureza. É no tempo de lazer que realizam atividades, executam atos, expressam sentimentos que em outros tempos sociais estão impedidas de fazer por motivos diversos. Para Elias e Dunning (1992) o lazer é a busca pelo descontrole medido, ou seja, atos que em situações cotidianas jamais seriam tolerados, em momentos de lazer o são, como por exemplo, em jogos de futebol em que os xingamentos, os desaforos, as injúrias estão presentes, e não ferem as normas sociais estabelecidas. Esse fato é relatado por Bandeira ao descrever em sua dissertação de mestrado sua primeira vez em um estádio de futebol: “Lembro vagamente que fiquei um pouco assustado com o palavrões e que meu pai [...]proferiu a frase: ‘Aqui pode’. Aos cinco anos já aprendia, ou já ‘sabia’ que naquele local era possível falar palavrões e só ali” (2009, p.15).

Outro ponto de destaque para Elias e Dunning (1992), é que no lazer se criam laços sociais interdependentes diferentes do mundo obrigacional do trabalho, do estudo, etc, em que há opressão. No lazer não há sistematizações e hierarquias pré-definidas como em outras formas de relações sociais. Nesse espectro é o indivíduo que define os limites movidos pelo querer, pelo gostar. No entanto não concordo totalmente com tal afirmação, pois o lazer não sofre a limitação apenas do querer e do gostar como sustentam os autores, também depende de limitações temporais, legais e financeiras. Podemos exercer o lazer quando o tempo nos permite, quando as normas e instituições públicas autorizam e quando podemos pagar, ainda mais diante de uma sociedade em que cada vez mais o lazer vem se transformando em mercadoria. Hoje são poucas as atividades inteiramente gratuitas o que inclusive influencia o perfil de quem tem acesso ao lazer. Marcellino (2006) afirma que o público que exerce o lazer “em linhas bastante gerais” (p. 23) tratam-se de jovens com grau de instrução e condições financeiras maiores que a da media brasileira. Destaca ainda que dentre outros, a condição econômica é um dos fatores que determinam um acesso desigual ao lazer, identificando-o até mesmo como um privilégio de algumas classes.

Mas além da barreira econômica outros fatores são identificados por Marcellino como limitadores do exercício do lazer. O “sexo” (2006, p.24) é um elemento que soma-se ao fator econômico como balizador do lazer, pois as mulheres tem uma carga obrigacional maior do que a



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

dos homens, ocupando-se no tempo de não trabalho de atividades domésticas, familiares dentre outras que acabam por reduzir seu tempo para o lazer³.

A estes dois fatores Marcelino acrescenta a faixa etária, pois nesse aspecto idosos e crianças é que sofrem limitações. Na realidade aqui o autor associa o fator idade ao fator econômico, pois sustenta que tanto crianças quanto idosos são limitados por não estarem no mercado de trabalho, ou seja, as crianças ainda não estão nele, e por isso não possuem recursos financeiros para o lazer, e os idosos já estão fora dele, o que reduz sua capacidade econômica para consumir.

Marcellino (2006) aponta também o tempo e espaço como outros fatores que limitam o exercício do lazer o tempo no sentido de que cada vez mais as pessoas estão envolvidas e diversas atividades em seus tempos de não trabalho e acabam reduzindo o tempo de lazer. E quanto ao espaço o autor identifica uma desigualdade na ocupação dos locais, o que acarreta mais uma barreira ao lazer.

E, finalmente, um aspecto de cunho cultural e que também limita o lazer é o preconceito, pois a sociedade vê com maus olhos pessoas jovens e/ou bem sucedidas desfrutando de atividades de lazer.

Para Elias e Dunning o lazer não deve ser compreendido apenas como acessório do trabalho ou como uma forma para aliviar a fadiga provocada pelo mesmo. “Existe uma boa dose de evidência sugerindo que as estruturas e funções das atividades de lazer não podem ser compreendidas se não se considerarem como um fenômeno social por direito próprio, interdependente de atividades de não lazer, mas, do ponto de vista funcional, de valor não inferior, não subordinadas a elas” (1992, p.141).

Após o exposto acima temos alguns elementos que nos ajudam a delinear uma noção de lazer. Para isso faz-se necessário distinguir esse conceito do de tempo livre, pois o senso comum acaba por utilizar essas duas expressões como sinônimos. As atividades de lazer são de tempo livre, no entanto o contrário não é uma premissa válida (ELIAS e DUNNING, 1992).

Para demarcação desses contornos Elias e Dunning, demonstram que o lazer é uma das categorias que integram o que eles chamam “espectro do tempo livre” (1992, p.144) delineando dessa forma as atividades executadas no tempo de não trabalho, detalhando as diferenças entre as mesmas, para com isso identificar o que efetivamente é lazer. Nesse quadro os autores classificam as atividades de tempo livre da seguinte forma: 1) “Rotinas do tempo livre” (p.146) em que inserem-se as necessidades biológicas, cuidados com o corpo, governo da casa e atividades familiares; 2) “Atividades intermediárias” (p.147) constituindo essa categoria as necessidades de formação, autossatisfação e autodesenvolvimento (trabalhos não profissionais, denominados pelos autores de trabalho particular), atividades religiosas e atividades de formação voluntárias, socialmente menos controlado e com frequência e caráter acidental; 3) “Atividades de lazer”

³ Com isso não quero afirmar que as mulheres não vivenciam a prática do lazer. No trabalho de Stigger e Silveira (2010) é possível compreender como um grupo de mulheres se reúne em seus momentos de lazer para prática do futsal, o que mostra que elas, mesmo tendo algumas barreiras, não deixam de vivenciar essa esfera da vida.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

(p.148), onde os autores incluem as atividades sociáveis (de lazer comunitário e atividades de jogo ou miméticas).

Já para Marcellino (2006) o lazer exige tempo e atitude. O lazer não pode ser definido apenas pelo conteúdo, pois, por exemplo, a pesca, para alguns é lazer, para outros subsistência e ainda pode ser um esporte, se o classificássemos a partir do conteúdo somente, todas seriam atividades de lazer, ou não. Portanto o lazer caracteriza-se pela “relação do sujeito com a experiência vivida” (MARCELLINO, 2006, p. 8), o que vem a denominar de atitude. E quanto ao tempo o autor reforça a ideia de Elias e Dunning, pois considera que o lazer ocorre no tempo livre do trabalho e das demais obrigações, como as familiares e religiosas.

Portanto a definição de lazer utilizada neste estudo compreende inúmeras discussões que teóricos da área já realizaram. Mais do que definir o que considero lazer o texto acima tem como finalidade apresentar um panorama das questões pautadas nessa temática. Passo agora a apresentar breves considerações sobre a pesca.

CONHECENDO OS UNIVERSOS DA PESCA

De acordo com o decreto 221 de 28 de fevereiro de 1967, denominado Código de Pesca, esta prática caracteriza-se como uma atividade extrativista cujo objetivo é coletar ou capturar o pescado. Mas o que é o pescado? Segundo a nova lei da pesca, o objeto da mesma são os recursos pesqueiros os quais incluem os “animais e vegetais hidróbios passíveis de exploração, estudo ou pesquisa pela pesca amadora, de subsistência, científica, comercial e pela aqüicultura” (BRASIL, Lei 11.958 de 26 de junho de 2009). Ainda esta norma traz também um conceito de pesca: “toda a operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros” (BRASIL, Lei 11.958 de 26 de junho de 2009). Como se vislumbra no conceito trazido pela nova legislação de pesca há diversos tipos, no entanto, embora a legislação supracitada refira várias espécies de pesca não define o que é cada uma e mais especificamente o que é a pesca que se pratica por lazer, cuja é o objeto do presente pesquisa. Essa definição é encontrada na portaria 30/03 do IBAMA que em seu artigo 2º assim define a pesca amadora: “Art. 2º- Para efeito desta Portaria, entende-se por: I - Pesca Amadora - aquela praticada por brasileiros ou estrangeiros com a finalidade de lazer, turismo ou desporto, sem finalidade comercial”⁴. Então a pesca amadora distingue-se das demais modalidades pela finalidade com que é praticada. Assim para a presente pesquisa só será considerada a pesca que possuir o objetivo específico de lazer.

Rio Grande uma cidade localizada ao sul do Rio Grande do Sul, considerada o berço do Estado, foi fundada pelo Brigadeiro José da Silva Paes em 19 de fevereiro de 1737⁵. Sua geografia

⁴ Ressalto que busquei essa definição de pesca na legislação devida não ter encontrado referências acadêmicas sobre o que é a pesca praticada por lazer.

⁵ Sua história é marcada por violentas batalhas pelo território em virtude de sua geografia estratégica, sendo o único porto marítimo do sul do Brasil. Espanhóis e Portugueses interessados em estender os limites de suas colônias travaram nesta terra sangrentas batalhas. Em 1763 os espanhóis conseguiram conquistar Rio Grande e mantiveram sob seus



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

favorece as fainas marítimas, pois trata-se de uma porção de terra situada entre a Lagoa dos Patos, o Oceano Atlântico e a Lagoa Mirim. Sua economia está fortemente ligada ao mar, pois possui o segundo maior porto brasileiro em movimentação de mercadorias, além disso, possui diversas indústrias na área de alimentação e produção de adubos e nos últimos anos alavancou sua economia com a indústria naval passando a ser referência na produção de plataformas para prospecção e produção de petróleo. Segundo o último senso do IBGE (2010), a população é de 196.337 habitantes e os estudos de vários setores indicam que nos próximos anos a população deve duplicar em razão do polo naval.

Conforme já afirmado o principal atrativo da cidade do Rio Grande é o porto. Desde sua fundação a importância estratégica, tanto militar quanto econômica, sempre fez com que as atenções se voltassem para as questões portuárias. Além disso, a pesca está inserida na cidade. É possível visualizar essa atividade enquanto profissão, pesquisa, desporto e também como prática de lazer. Focando este último aspecto é que destaco os dois locais onde está sendo realizada a pesquisa: os Molhes da Barra e o Rincão da Cebola, os quais descrever junto à análise dos dados.

COMO CAPTURAR O PEIXE

Para a construção de um trabalho científico é necessário conhecer as técnicas para coletar dados, analisá-los e finalmente escrever, que é, na maioria das vezes, o produto final deste tipo de trabalho. Estas fases fazem parte da técnica para realizar um trabalho acadêmico que é o método. Seja um trabalho das ciências exatas ou das ciências sociais sempre haverá um método adequado para realizá-lo garantindo assim a confiabilidade do conhecimento produzido.

Em ciências sociais podemos citar vários exemplos de metodologia que são comumente usadas para a construção de um trabalho científico como a história oral, a etnografia e a pesquisa documental. Essas metodologias tem em comum o fato de compartilharem a característica qualitativa de fazer pesquisa. As metodologias qualitativas, segundo Angrosino (2009) tem como características a pretensão de explicar os fenômenos sociais estando o pesquisador inserido no meio social em que pretende pesquisar, contrariamente de pesquisas realizadas em ambientes controlados como laboratórios, e assim analisar as experiências de grupos ou de indivíduos registrando biografias e praticas sociais cotidianas. A partir das observações o pesquisador pode estabelecer interações existentes entre os integrantes de determinado grupo social através de suas falas, suas práticas e, ainda, através de análises documentais.

É o caso da pesquisa que estou realizado cuja é uma análise qualitativa baseada em princípios etnográficos. Tomei o cuidado de não chamar essa pesquisa de etnográfica devido a esta

domínios por treze anos, sendo que ao final os Portugueses retomaram a cidade e fixaram os alicerces do Rio Grande do Sul. Em 27 de junho de 1835 é elevada a condição de cidade. Mais informações sobre a história do município podem ser obtidas nos sites <<http://www.paginadogaicho.com.br/hist/rg.htm>>, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande> e <http://www.portoriogrande.com.br/site/sobre_porto_municipio_rg.php>.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

metodologia exigir a inserção do pesquisador em um grupo social, o que não é o caso do presente trabalho, pois os locais pesquisados apresentam heterogeneidade/rotatividade de pessoas que, em princípio, não compartilham de relações sociais entre si e/ou não frequentam sistematicamente os espaços.

Os princípios etnográficos que orientam esta pesquisa estão envoltos de um fazer que exige o convívio do pesquisador com os seus informantes. Se não terei grupo a observar, terei pessoas que circulam nos lugares escolhidos. Utilizo para isso os instrumentos de pesquisa que fazem parte da etnografia: a observação participante e a entrevista semiestruturada. Utilizo ainda registros fotográficos, conversas e também a revisão bibliográfica para a construção da base teórica da pesquisa.

Mas não basta apontar os instrumentos que estão sendo utilizados na pesquisa, faz-se necessário entender os pressupostos teóricos desse método, os quais passo a analisar.

Ao desavisado observar pode parecer simples, mas em pesquisa social o observar, o participar, o ouvir requerem um cuidado todo especial, pois segundo Oliveira (2006, p. 18) “esses atos cognitivos [o olhar, o ouvir e o escrever] delas [as ciências sociais] decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir nosso saber”.

A observação ou nas palavras de Oliveira (2006) o olhar, deve ser domesticado teoricamente, ou seja, a visualização do objeto não é a de um simples curioso, pois deve trazer consigo um aporte teórico que permita ao pesquisador registrar cada detalhe da cena que observa e revelar seus significados e informações implícitas que, por exemplo, comparando com outros estudos sobre o mesmo objeto poderão revelar mudanças de comportamento de um determinado grupo social. Mas a observação não se limita apenas ao olhar.

Ouvir também constitui parte indispensável para coleta de dados. Segundo Oliveira (2006) apenas olhando não seria possível estabelecer, por exemplo, as relações sociais entre os integrantes do grupo social. No entanto ouvir também requer aporte teórico, principalmente para evitar interpretações distorcidas das informações obtidas em virtude dos diferentes idiomas culturais⁶. Outro ponto que é frisado por Oliveira (2006) é no que tange a relação estabelecida entre o pesquisador e o informante, pois deve-se favorecer para que o informante e o pesquisador se tornem interlocutores de um diálogo e não meros entrevistador e entrevistado, donde resultaria um trabalho superficial em virtude da relação de poder estabelecida entre eles. Daí decorre o porquê escolhi a entrevista semiestruturada como um dos instrumentos integrantes da metodologia de pesquisa a ser realizada. Essa forma de entrevista traz as perguntas em um roteiro flexível para o diálogo que se estabelecerá entre o informante e o pesquisador.

Saber olhar e ouvir certamente são ações que o pesquisador deve dominar e que a cada pesquisa é aperfeiçoado, no entanto isso não basta. Ir à campo requer organização, ou conforme

⁶ Para Oliveira, idiomas culturais, são os signos de comunicação que compartilham cada um dos atores envolvidos em um trabalho de pesquisa, quais sejam, o pesquisador, o pesquisado e o leitor, cada qual com suas crenças e visão de mundo dão significados diferentes a fatos semelhantes.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Winkin (1998) descer à campo exige sistematização para criar um mapa espaço-temporal do local a ser pesquisado. O pesquisador deve ir a campo em dias e horários previamente estabelecidos para então poder descrever as conformações espaciais e compreender como os frequentadores se apropriam dos espaços em diferentes dias da semana ou partes do dia. Ainda segundo Winkin é necessário o ir e vir a campo constantemente para comparar o que se observa com a teoria já lida ou que se apreende paralelamente ao trabalho de campo, isso porque, levará o pesquisador a “ver mais e mais longe” (1998, p.135).

No entanto, ir a campo observando os cuidados anunciados, saber olhar e ver com a lente de um pesquisador são irrelevantes se não se fizer os registros. O ato de registrar é de extrema importância e para tanto utilizo, além das tradicionais técnicas do caderno de notas e do diário de campo, tecnologias para gravação de sons e imagens.

O caderno de notas é o fiel companheiro do pesquisador na ida à campo e é onde ele registrará fatos, falas, sensações, datas, e tudo mais que seus sentidos puderem captar servindo de lembrete para escrita do diário.

Já o diário de campo talvez seja o mais importante documento do pesquisador. Segundo Winkin (1998) o diário tem uma função emotiva, pois nele o pesquisador registrará suas sensações, suas frustrações, dúvidas, etc. O diário terá ainda uma segunda função que é denominada de empírica, pois nele o pesquisador registrará tudo que chamar a atenção durante a ida à campo. E por fim, a terceira função do diário seria a de anotar as reflexões, críticas e análises dos fatos e informações coletadas em campo a partir da teoria que fundamenta o trabalho.

Elucidados quais os princípios metodológicos que estão sendo observados na realização da pesquisa faz-se necessário informar o que já foi feito até o momento.

A coleta de dados foi iniciada a partir de janeiro de 2012 com as idas à campo em dias e horários diferenciados e nos dois locais escolhidos para pesquisa. Até o momento foram realizadas 10 idas a campo. Também realizei quatro entrevistas as quais estão em fase de transcrição e análise.

FILETANDO O PESCADO

Filetar significa retirar a melhor parte do peixe, o filé. Portanto agora é o momento de filetar o pescado e apresentar os primeiros filés obtidos do que até então foi capturado. Inicialmente convido o leitor a imergir em meu ambiente de pesquisa, para conhecer um pouco dos espaços que tanto fascinam e atraem os pescadores e este pesquisador.

O primeiro espaço é o Rincão da Cebola que é um cais de aproximadamente 350 metros localizada entre a rua General Netto e a o Centro de Convívio Meninos do Mar (CCMAR)⁷ e faz

⁷ Centro de Convívio Meninos do Mar é um projeto social mantido pela Universidade Federal do Rio Grande e a Fundação Roberto Marinho, cujo objetivo é proporcionar à crianças e adolescentes carentes do município cursos de profissionalização, em sua maioria voltados à atividades vinculadas com as profissões marítimas. O prédio onde o

parte da área do antigo porto⁸, hoje denominado Porto Velho. Atualmente passa por obras de revitalização a cargo da Superintendência do Porto do Rio Grande e Prefeitura local. O objetivo da revitalização é tornar o local mais um atrativo turístico e de lazer na cidade, sendo importante frisar que dentro da área revitalizada haverá um espaço apropriado à prática da pesca atendendo assim a uma das formas de apropriação do local pela população riograndina⁹. O nome “Rincão da Cebola” deu-se pelo fato de que neste espaço, há muitos anos, era onde caminhões carregavam a safra de cebola oriunda de São José do Norte e das ilhas da região¹⁰.



Vista aérea do rincão da cebola
Fonte: www.google.com.br

projeto funciona é um antigo entreposto de pesca, o maior do Brasil quando funcionava, e servia para os pescadores locais armazenarem o pescado e comercializarem sua produção.

⁸ Informações obtidas no site <http://www.portoriogrande.com.br/site/sobre_porto_municipio_rg.php>.

⁹ Informações obtidas no site <www.portoriogrande.com.br>.

¹⁰ Informação obtida com comerciantes locais.

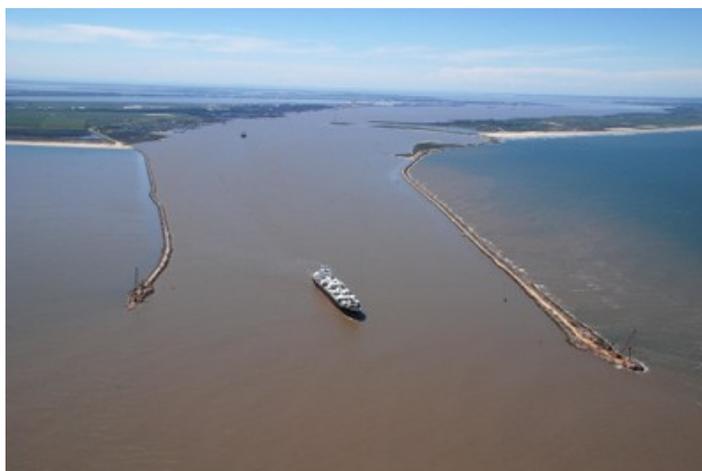


Rincão da cebola
Fonte: arquivo pessoal

O outro local são os Molhes da Barra que, juntamente com a praia do Cassino, considerada a maior do mundo em extensão, talvez sejam, depois do porto, os locais que mais projetam Rio Grande no cenário internacional. Os molhes¹¹ são dois longos braços de pedras que avançam em direção ao alto mar construídos em 1911 e ampliados em 2010. São considerados a terceira maior obra de engenharia naval do planeta, ficando atrás apenas dos canais de Suez e do Panamá. Foi construído para dar maior segurança às embarcações que vinham atracar no porto local. Antes de sua construção o local era conhecido como a barra brava, pois muitas embarcações sucumbiam às fortes rebentações do mar local. Hoje, além de propiciar segurança à navegação, tornou-se um conhecido ponto turístico e um dos principais locais de prática de várias modalidades de pesca na cidade¹².

¹¹ Os molhes ficam situados em duas cidades, Rio Grande e São José do Norte, uma à leste do canal de acesso ao Porto e a outra a Oeste. Cada um destes braços de pedras fica em uma das cidades citadas. Minha pesquisa será realizada no molhe oeste situado na cidade do Rio Grande.

¹² < http://pt.wikipedia.org/wiki/Molhes_da_Barra>



Vista aérea da entrada do canal de acesso ao porto do Rio Grande¹³.

Fonte: www.google.com.br



Vista da parte interna do molhe.

Fonte: www.google.com.br

Estes são os cenários em que a pesquisa está sendo realizada. Um espaço apropriado pelos residentes em Rio Grande, situado no centro da cidade e que integra o complexo do Porto Velho e outro com projeção internacional, frequentado por pessoas das mais diversas origens, projetado para servir para segurança da navegação, mas que acabou sendo apropriado pelos frequentadores também como um local de lazer e práticas esportivas.

¹³ À esquerda o molhe Oeste, em Rio Grande, à direita o molhe Leste em São José do Norte.

Conhecidos os ambientes de pesquisa, passo a apresentar os primeiros filés cuidadosamente retirados do que até o momento foi pesquisado.

Marcelino (2006) aponta diversas barreiras ao exercício do lazer. O fator econômico é apresentado como um destes limites. No universo da pesca pesquisado, conforme relatado nos diários de campo, isso não ocorre. Muito embora pescadores utilizem equipamentos sofisticados e caros para a pescaria, além de ter gastos com deslocamentos, alimentação e outros fatores associados à logística do seu lazer, outros pescam apenas com linhas de mão, enroladas em uma garrafa pet conforme foi encontrado em minhas idas à campo. Este fato também é corroborado pelo depoimento do informante C¹⁴ “...eu tendo um anzol, uma chumbada e uma linha tá feito pra mim, e a isca...” (entrevista realizada no dia 04/06/2012). Outros fatores que me fazem afirmar que as questões financeiras não são consideradas barreiras para vivenciar a pesca enquanto lazer nos espaços estudados é a simplicidade dos alimentos que consomem durante suas permanências nos locais. Alimentam-se com café, pães e frutas trazidos de casa.

O transporte utilizado para chegar aos locais também chamaram minha atenção. Enquanto muitos chegam em automóveis e motocicletas, outros utilizam bicicletas e até carroças

Mas independentemente do material utilizado parece ser consenso entre os meus informantes que para a prática da pesca o menos importante é o pescado. Durante a entrevista com o informante B ao ser questionado sobre qual o pescado que mais aprecia, me responde, em um tom jocoso, que é “a isca” (entrevista realizada no dia 07/04/2012). Este informante utiliza, normalmente, em suas pescas o camarão enquanto isca. Isso também fica evidenciado por outras declarações dos três entrevistados até aqui ouvidos ao serem questionados sobre o destino do que é capturado.

Depende, as vezes a gente fica [com o pescado], as vezes a gente dá pra alguém, algum vizinho, alguma coisa. Dependendo do tamanho a gente devolve [para a água]. (Informante A, entrevista realizada no dia 25/03/2012).

Na última pescaria nós comemos na beira do cais, levamos tudo, fizemos. Mas normalmente, se é muito... a quantidade é muito pequena a gente devolve. Coloca num balde com água e acaba devolvendo, senão eu costumo levar pra casa e doar pra uma vizinha minha que gosta, tem um marido de idade e ele gosta de peixe... dá pra eles. (Informante B, entrevista realizada no dia 07/04/2012).

A maioria dos peixes, é claro, lógico, por uma questão de ética o peixe miúdo eu devolvo pra água...eu devolvo. Há peixes que se fiquem tanto que fica impraticável assim tu devolver ele pra água, ele vai morrer de qualquer maneira. Algum eu levo, tem um senhor ali que eu abasteço ele de peixe... (Informante C, entrevista realizada no dia 04/06/2012).

A sociabilidade exsurge como elemento de análise, pois é uníssono entre os informantes que a pescaria é uma atividade coletiva e que o convívio com amigos e familiares é um dos prazeres apreciados pelos pescadores em seus momentos de lazer. O informante A estima que “..setenta por

¹⁴ Por questões éticas os informantes serão mantidos em anonimato e identificados neste trabalho com as letras A, B e C.

cento das vezes é com outras pessoas, com minha esposa, com os amigos” (entrevista realizada no dia 25/03/2012) que pesca. Isso é corroborado pela informante B ao ser questionada sobre com quem pesca: “normalmente pescamos os três. Eu, ele [o marido] e a minha irmã...as vezes pescamos com outras pessoas, algum amigo que a gente convida, né? Com pessoas diferentes. Normalmente somos nós três e algum amigo” (entrevista realizada no dia 07/04/2012)

Como foi visto as pescarias raramente ocorrem de forma solitária. E a companhia de familiares e amigos fomenta conversas que vão de assuntos familiares a brincadeiras sobre futebol e também a pesca. Os informantes até aqui ouvidos testemunham nesse sentido.

Pesquisador: Quando tu pesca com outras pessoas vocês conversam?

Informante: Sim

Pesquisador: Sobre o quê?

Informante: Isso depende. Quando é com a esposa (risos) da casa, do trabalho. Quando é com os amigos, trabalho, futebol e outros assuntos [a esposa estava perto].”(Informante A, entrevista realizada no dia 25/03/2012).

Pesquisador: Vocês conversam?

Informante: Conversamos, conversamos

Pesquisador: Muito, pouco?

Informante: Bastante assim” (Informante B, entrevista realizada no dia 07/04/2012).

Outro aspecto que acabou emergindo durante a depuração dos dados coletados é a circulação entre lugares. Contrariamente do que se supunha no princípio da pesquisa, os pescadores não praticam seu lazer em apenas um lugar. Vejam o que nos dizem os informantes.

Desde pequeno lá [em Cruz Alta] a gente pescava em rio, açude, sanga, arroio. Aqui em Rio Grande, ou na lagoa, pelo Porto Velho [Rincão da Cebola] ou no mar pelos Molhes da Barra. (Informante A, entrevista realizada no dia 25/03/2012).

Nós pescamos, por último, bastante na beira do cais [Rincão da Cebola] por causa da minha irmã que tem um pouco de medo de subir nas pedras [dos Molhes da Barra]. Quando nós íamos sozinhos pescamos mais nos molhes e também ali pela volta do TECON [Terminal de Contêineres, empresa de logística e movimentação de cargas marítimas] tem um cantinho que dá pra entrar com o carro... (Informante B, entrevista realizada no dia 07/04/2012).

Enfim da análise desses primeiros dados descortinou-se poucas diferenças entre as pescas praticadas nos dois locais eleitos para pesquisa.

SABOREANDO O PESCADO

A pesca por lazer na vida de algumas pessoas encerra em si mais significados do que simplesmente capturar o peixe. Para os profissionais da pesca uma pescaria farta significa algumas



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

semanas ou meses de fartura na mesa de suas famílias, mas para os que pescam por lazer, no entanto, pescar mais ou menos peixes não importa, sequer importa se capturaram algum peixe. Para eles basta o contato com a natureza, a companhia dos amigos e familiares, as conversas animadas a beira d'água, enfim o sentir-se parte da natureza e de seu grupo social. Ouso até mesmo afirmar que para eles a pescaria é uma desculpa para contemplar a natureza e desfrutar das companhias dos mais próximos.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michel. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de. **A busca da excitação em Elias e Dunning: uma contribuição para o estudo do lazer, ócio e tempo livre**. IN: **Efdesportes.com - Revista Digital**. Buenos Aires: Ano 10, nº 80, Janeiro, 2005, s/p.
- BAUMANN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BANDEIRA, Gustavo. **“Eu canto bebo e brigo... alegria do meu coração”**: currículo de masculinidades nos estádios de futebol”. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2009.
- BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil, 5 de outubro de 1988.
- BRASIL, Portaria 30 do IBAMA, 2003.
- BRASIL, Lei 11.958 de 26 de junho de 2009.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: perspectiva, 1973.
- ELIAS, Nobert, DUNNING, Erick. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas, SP: Autores associados, 2006.
- MELO, Vitor Andrade de. **Esporte e lazer**: conceitos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir e escrever. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- RUSSO, Renato. Letra de música **“Música de Trabalho”**. 1996.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

STIGGER, Marco Paulo; SILVEIRA, Raquel da. Ocio y homosexualidad: un estudio etnográfico sobre el asociativismo deportivo de mujeres, en el contexto de un deporte dicho masculino. **Revista Polis.** , v.26, p.1 - 14, 2010.

<http://www.paginadogaicho.com.br/hist/rg.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande

http://pt.wikipedia.org/wiki/Molhes_da_Barra

http://www.portoriogrande.com.br/site/sobre_porto_municipio_rg.php

<http://www.google.com.br>

WINKIN, Yves. **A nova comunicação:** da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papiros editora, 1998.

Endereço:
Avenida PORTUGAL, 161, Cidade Nova, Rio Grande, RS
alexoliveira14@hotmail.com
datashow